



1935 - OUTUBRO

UM ESCUDO

OFERTA



Costa de Duro

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA REGIONALISTA

Director:

CAPITÃO JOSÉ DOS REIS LÁZARO

Editor:

ANTÓNIO DA COSTA FERREIRA

Patrocinada pela

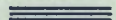
Comissão de Iniciativa

e Turismo de Lagos

Propriedade da Tipografia Ferreira

Redacção e Administração

Rua Marquez de Pombal, 11-Lagos

OUTUBRO - 1935  N.º 10

A GUERRA

Por NUNES CORREIA

Ainda não compreendemos bem, porque é que os códigos de todo o mundo proclamam que o «direito à existência» é um direito primitivo, insusceptível de alienação, próprio da natureza humana, e afinal por toda a parte se fala em guerra que é precisamente, o direito à morte, à destruição selvagem da natureza humana que se pretende salvar. São estes contra-sensos do homem de sempre, que nos inclinam a crer que a guerra é mais uma questão moral, do que uma questão jurídica.

Quando a Moral afirma, como pecado, o assassinato, e o Direito protege a livre existência do homem — encontram-se, ambos, na mesma finalidade. Sòmente, os meios de defesa da vida, ou sejam, os caminhos de assegurar esta finalidade, é que variam na Moral e no Direito. Enquanto a Moral muito platónicamente aconselha: se te derem uma bofetada oferece a outra face, se te furtarem o casaco dá a capa em seguida; o Direito, na inicial posição destes factos, afirma: se te derem uma bofetada, defende-te; se te furtarem o casaco demanda o furtador.

A diferença de agir é profunda, e é da diversidade da concepção jurídica e da concepção moral, que vamos encontrar o fio condutor do nosso ponto de vista sobre a guerra.

Imaginemos, num exemplo concreto, que Portugal, de cujo génio pacífico e humanitário ninguém duvida, guiado por uma concepção moral elevada, dissolvesse o seu Exército. Nalguns minutos o legislador português dava satisfação, na lei, ao anseio dos sonhadôres que vêem nos exércitos (inclusivé o russo) e nalguns milhões de homens que vivem da indústria da guerra (inclusivé os capitalistas), o mais atrasado dos sintomas da nossa eterna alucinação colectiva. Mas dissolver o nosso Exército para ficarmos desarmados? Qual é o homem de bem que, em Portugal, pode defender semelhante loucura, na época em que todas as nações se armam até os dentes? Ainda se o movimento de dissolução dos exércitos fôsse concertado entre todos os povos, a garantia era mútua e universal... Mas há três mil anos o que se observa é naturalmente o contrário! Os

NOTICIÁRIO

De muitos prezados assinantes que olham, com simpatia, a existência de uma revista de propaganda em Lagos, recebemos penhorantes cartas felicitando-nos pela colaboração e aspecto do passado número, agradecemos sempre as indicações dos nossos leitores. E a todo o estímulo que nos rodeia e cativa, procuraremos se a nossa saúde nos permitir, e tendo só por sonho o bem de Lagos, continuar a melhorar a nossa Revista.

— —

Nas salas da Sociedade Lacobrigense realizou-se, no dia 14 de Setembro, um chá dançante em honra da oficialidade dos vasos de guerra ancorados na nossa baía.

A festa resultou brilhantíssima, vincando assim as tradições hospitaleiras da nossa Cidade.

— —

Assumiu o cargo de Director da Escola Industrial Victorino Damásio, o professor de pintura, Ex.^{mo} Sr. João Moreira Fernandes.

Partiu para Lisboa com sua Ex.^{ma} Família, o 1.^o Tenente de Marinha, Ex.^{mo} Sr. José da Mota Coutinho Garrido que, durante alguns anos, desempenhou com dignidade, as funções de Capitão do Porto de Lagos.

— —

NOS DOIS MUNDOS é o título de uma novela espírita editada pelo nosso assinante Ex.^{mo} Sr. José Narcizo Vieira. Esta obra que foi ditada pelo espírito de Júlio Denis ao médium, Ex.^{mo} Sr. Abílio Quintinha, encerra um alto valor moral e educativo e procura revelar, aos que descreiam d'êste assunto, a existência dum outro mundo *post mortem*. O produto da venda destina-se à benemerência.

— —

Vão ser postos à cobrança os recibos referentes aos meses de Julho, Agosto e Setembro. Contamos com a solicitude dos nossos prezados assinantes.

fortes é que vencem, impõem respeito, e dos seus apetites de expansão e de guerra (havemos de ver o salto de tigre da Alemanha) só há que ter receios e justas apreensões. Ser pacifista, na época de Hitler e de Mussolini, é andar sonhando de olhos abertos...

Portugal, tem um largo património, produto legítimo e sagrado de muitas lágrimas, sangue e sacrifícios que a história regista em páginas de beleza e de génio. Perante a ameaça de ver perder o seu labor de séculos, qual a missão da Força Armada senão a de ser a guarda vigilante d'êsse património, obra de uma Pátria que não morre?

Se nos atacarem é legítimo que nos defendamos. O Direito protege esta defesa. E chegamos ao nosso apontado contra-senso de ver o Direito defender a faculdade de matar.

Passámos assim — de passo leve em leve passo — da concepção moral para a concepção jurídica da guerra.

A concepção moral diz: se te agredirem numa face, oferece a outra. E a aplicarmos esta Moral às Nações, o

mesmo princípio indica a *dissolução dos exércitos e a não-defesa em caso de agressão de outro povo*

A concepção jurídica diz: se te atacarem, defende-te. E a aplicarmos êste Direito às Nações, esta faculdade indica o *robustecimento dos exércitos e a defesa legítima em caso de agressão*.

E, no entanto, a tôdas as luzes, a razão demonstra que se houvesse um mínimo de sizo e de perfeição nos lóbos humanos, a concepção moral resolvía o problema da guerra. Mas o pior é que a vida continuará a desentranhar-se da força bruta, e o Direito, em lugar de servir as ilusões dos poetas e dos místicos, serve as realidades, num curioso antinómico entre a espada e a parede. Quere dizer: o Direito, proclamando o direito à existência e o direito à guerra (que é o pavor, a morte e a ruína) contradiz-se, como em tôda a sua inconsistente ambição de agradar a Deus e ao Diabo.

Arneiros, Setembro de 1935

NOTAS E IMPRESSÕES

As cores e a alma . .

Queira a nossa única leitora fiel, imediatamente, suspender a leitura e olhar à sua roda. Olhe com atenção, e verá que, mesmo silenciosa, a sua vida navega num mar de cores. Desde a mão fina e branca, que sustenta no seu colo a «Costa de Oiro», até à almofada verde que dorme a seus pés, desde as cores discretas da sua saleta de estar, até à mais variada policromia dos seus objectos úteis (o leque, o espelho, a jarra florida, o livro esquecido...), em tudo, os seus olhos encontrarão as mais estranhas combinações coloridas, numa harmonia tão abandonada e natural, que os pintores por profissão, jámais a poderão imitar. É que nós vivemos na cor, da cor e pela cor. E a nossa alma por força há-de ser cor! Mas a cor invisível... das nossas esperanças, ansiosas, e desilusões. Em poucas palavras, indicaremos à leitora, um pequenino quadro, para se guiar no conhecimento de si-própria, e daqueles que mais ama e estima. Ei-lo:

1.º — Quem gosta do AZUL é espiritualista e cheio de sonhos...

2.º — Quem gosta do ROXO, se não quizer viver na serra, deve entrar num seminário ou convento, à escôlha...

3.º — Quem gosta do VERDE gosta da esperança, tem necessariamente uma alma alegre e divertida...

4.º — Quem gosta do AMARELO é preguiçoso, mas muito inteligente. É a cor dos estudantes e dos grevistas...

5.º — Quem gosta do VERMELHO tem um temperamento arrebatado e violento...

6.º — Quem gosta do NEGRO gosta da tristeza e da sobriedade.

7.º — Quem gosta do BRANCO gosta da pureza e da verdade. É a cor dilecta — ia a dizer — da nossa única leitora fiel...

8.º — Quem gosta do CINZENTO — não tem opinião própria, e seria melhor defini-la, quanto antes...

9.º — Quem gosta de duas cores unidas, como o AZUL e BRANCO, OIRO sobre AZUL, PRETO e BRANCO etc. tem um alto espirito equilibrado, e um temperamento político, invejável nos tempos que correm...

10.º — Quem gosta do VERDE e ENCARNADO é republicano...

E... disse.

Anedota inofensiva . .

Uma visita de cerimónia:

— O Sr. Doutor está em casa?

Um criado atencioso:

— Está, sim, senhor. Pode entrar. Morreu esta manhã.

Os confidentes . .

Nem todos se prestam para confidentes. Esta curiosíssima classe de eleitos — tanto no fraco, como no forte sexo — prima pela circunspecção, reserva incondicional, suave conselho nas horas aflitas, e, sobretudo, amoroso perdão para todas as faltas. Quem possuir um temperamento austero, não nasceu para confidente profissional...

Cremos, piamente que os homens guardam mais tempo os segredos de amor do que as mulheres.

E daí... há homens que são piores do que as mulheres; em todo o caso, a mulher que ama verdadeiramente nunca pode dissimular o seu amor! São os olhos, as cores da face, a vivacidade ou a melancolia, os denunciadores indiscretos que lhe comprometem o estado de alma.

Mas a mulher pensa que só ela sabe dissimular!... Até que um dia... surge a primeira confidência. Registem as leitoras esse dia como o primeiro, de facto, em que o vosso coração fraquejou.

Pensamentos . . .

a) Os pretextos são as razões de que se vale aquele que não tem razão nenhuma.

b) Se esperas que os outros te abram caminho, nunca avançarás um passo.

c) Quando não confies em ti e em Deus, confia apenas na tua pessoa. Mas confia sempre.

d) A maior qualidade dos sinceros é a tolerância.

e) Para se resistir aos sofrimentos e decepções da vida é necessário saber esquecer. Coisa bem mais difícil do que saber recordar.

Outono . .

Vamos entrar no Outono. Não sei que enorme tristeza é esta que, de súbito, paira nas árvores desfolhadas, e até nos olhos daqueles que, como nós, amamos a alegria do sol e as sombras frescas do arvoredado. Tudo parece arrefecer nesta humidade traiçoeira que em flocos de neblina se ergue do mar, e vai coroar as serras.

É assim que o Outono se anuncia, hora a hora, como cinzento arauto da fome, da morte e do Inverno...

"Costa de Oiro"
foi visada pela censura

costa de oiro - 3

SITUAÇÃO DOS POETAS

P O R C A R L O S M A D E I R A

Quando falamos em Poetas não queremos confundi-los com os Rimadores que sabem contar muito bem as sílabas, rimar masso com passo, e existem a granel nos prelos e nas gavetas de Portugal. † Refirimo-nos àqueles, que iluminam com sua arte, sempre viva e humana, o nosso trágico destino de sofrer e rastejar na vida.

Mas, mesmo pelos Rimadores temos respeito. Que demónio! Não estão todos

no direito, de cair na tentaçãozinha de ser Poetas? † Se os autênticos

poetas, não ensaiassem os primeiros vãos, como teriam conseguido

revelar-se? † Não devemos censurar, portanto, os Rima-

madores convictos da sua sinceridade poética. E' uma

necessidade desabafarem, desabafem! Mas tenham

a modéstia de não se julgarem Poetas...

E ser Poeta, entrou de dizer-se que

não é ser dêste mundo. Chega-se ao

destempêro de considerar sinónimos, poeta

e pobre diabo. † Ai dos Poetas raros, que venham

à luz do mundo! Se não forem amados por algumas,

mas bem poucas mulheres, passam, da vida, injustifi-

cados e incompreendidos!... A imagem

apropriada é o leitor pensar no catre do hospital em

que morreu Camões, e na formidável obra de génio, de que

a Pátria portuguesa tem necessitado de apoiar-se nas horas de

perigo, e que se chama «Lusíadas»! Mas isto em Portugal é que

é ser Poeta!... Se não se pede esmolas, se não se passa fome se não se é votado à

ingratidão pública—não se é Poeta... O sacrifício, o desprêzo—às vezes,

o silêncio—teem nimbado a fronte dêstes impenitentes estafetas da luz

e do espírito. Entretanto, quantos Rimadores a deno-

minar de belo o horrendo, e lançados no jornalismo e nas

letras, a fingir de grandes poetas...E' que ser

Poeta, amar a vida, arranca-la do informe

até aos mais nobres anseios e aspi-

rações do homem, é coisa

miserável porque não se come, nem

bebe. Em suma: não farta o estômago...

Q u e r e i s m e d i t a r n u m f a c t o ?

Falámos acima nos «Lusíadas». † Quantos portugueses

conhecem devidamente o Poema? Se o estado elaborasse

uma estatística, não é exagêro prever um número de 90 % de

portugueses que falam nos Lusíadas, por ouvir falar...

E' um facto duro do comentar. Mas que de envolta com outros sintomas —: sociais de decadência, revelam uma pobreza mental alarmante! :—

===== L I S B O A , 1 5 / 9 / 9 3 5 =====

JÚLIO DANTAS

Em plena glória, Júlio Dantas, deve ser o mais conhecido no estrangeiro dos escritores portugueses contemporâneos. A «Ceia dos Cardiais» em que há passos que estão na bôca do povo, bastaria para imortalizar o ilustre homem de letras lacobrigense. Mas nem só para o teatro, Júlio Dantas mostrou a aptidão do seu talento múltiplo. A sua prosa, de uma delicada compostura verbal, lembra uma talha de oiro nas mãos de um mestre. O estilo não tem precedentes na nossa história literária. Júlio Dantas, tal como Júlio Dinis,

tornou-se, em breve o escritor amado das mulheres de Portugal. Do que é essa longa influência feminina, no coração e no estilo do escritor, ainda é cêdo para avaliar, dos seus prejuízos e benefícios. A "Costa de Oiro" verifica, no entanto, que o grande escritor algarvio, à semelhança de todos aqueles quenasceram para engrandecer a língua portuguesa, é um poeta de dolorido e esbatido engenho. Eis uma pequena obra de arte em que o escritor cede o passo ao poeta, sem perder as qualidades que o tornam grande e original entre nós: a finura e o requinte.

As Duas

Máscaras

*N'um doirado e antiqüíssimo socêgo
Vi, n'um museu antigo e venerando
Duas máscaras velhas figurando
As duas formas do teatro grego:*

*E ao olha-las (contraste singular
Que não sei compreender nem discutir)
A face da Tragédia fez-me rir
E a da Farsça chorar*

*De tão contrárias impressões colhidas
Arranquei esta lúcida verdade:
Nas dôres mais sinceras, mais sentidas
Só vê tregeitos, a humanidade.*

*Fui aprender a êsse mundo antigo
Que o sofrimento tem o seu pudor...
Por isso te aconselho, meu amigo,
Quando sofreres, guarda a tua dor
E chora a sós contigo.*

É incontestável que de há uns anos a esta data, Lagos se vem modernizando e progredindo, senão com aquela intensidade que desejaríamos ver no seu desenvolvimento, pelo menos de forma bastante perceptível.

Representa porém isso a plena satisfação das suas aspirações?

Evidentemente não, porque infelizmente nesta cidade estava tudo por fazer e tão atrasado, que se tivémos em linha de conta as dificuldades que sempre surgem e tolhem a acção dos organismos que querem trabalhar e os escassos recursos disponíveis para grandes empreendimentos, a obra já realizada durante estes últimos 15 anos, pode considerar-se colossal, revela um formidável esforço e põe bem à prova a boa vontade das individualidades que neste espaço de tempo têm gerido os assuntos e política locais.

Se a evolução progressiva de Lagos se nos afigura um tanto morosa, em contra partida ela tem sido metódica e orientada nos princípios dum perfeito equilíbrio financeiro no que diz respeito ao município, circunstância esta bem apreciável.

Volvamos a nossa atenção, por uns momentos, calma e imparcialmente para Lagos de 1920, sem caminho de ferro, com as suas ruas sujas, antiquadas e mal pavimentadas, com um imundo alpendre servindo de mercado agrícola, fazendo-se este na sua maior parte ao ar livre, desprovido dos mais elementares preceitos de higiene, a sua deficiente iluminação pública, o chafariz junto aos Passos do Concelho, fornecendo-nos no inverno por ocasião das enxurradas, não água potável própria para usos domésticos, mas barro imundo de mistura com água salgada proveniente da invasão das marés pelas bicas, o seu repelente e insalubre pântano de S. João, etc. e comparemos com Lagos actual.

O PROGRESSO DE LAGOS

POR JAQUES D'OLIVEIRA NEVES

Conseguiu-se o assentamento da linha férrea do ramal de Portimão a Lagos cujas terraplanagens e estações se achavam concluídas havia 10 anos e a sua solene inauguração, devido aos esforços das individualidades que dirigiam a política local e do então deputado, o prestigioso lacobrigense Velhinho Correia, melhoramento este de grande valor económico regional.

Pela Câmara foi adquirido o edifício

até então inexistentes.

Construção duma rede de exgotos e pavimentação das ruas da cidade, dando-lhe aspecto moderno e higiénico.

Aquisição de prédios, sua demolição e indemnizações a diversos proprietários, para regularização e alinhamento de ruas e abertura de uma outra.

Urbanização do Largo de S. José e construção de escadarias de acesso.

Aquisição ao Ministério da Guerra do

individualidades a quem estão confiados os interesses e a política locais, pois muitos e importantíssimos melhoramentos levados a efeito por conta própria uns, de participação com o Estado outros e ainda outros pelo Estado, mas tudo sob a sua inspiração, aí o atestam.

Luz eléctrica, fábrica de gelo, água canalizada, aqueduto de abastecimento de águas reconstruído, reparações na escola Conde de Ferreira, estrada da Piedade e sua ligação à praça João de Deus, arborização e ajardinamento de alguns largos, sentinas públicas, rede telefónica, atêrro do pântano de S. João, reparação de estradas etc.

A instituição do museu de S. António que numa hora feliz foi entregue ao cuidado do nosso ilustre conterrâneo, o Dr. José Pimenta Formosinho que com

disvelo, proficiência e tenacidade inextinguíveis, solicitando o auxílio do Estado e de alguns amigos, tem conseguido dar-lhe forma imprimir-lhe desenvolvimento e realce, essa obra símbolo de progresso e de cultura científica de que os lacobrigenses se devem orgulhar, tem merecido de

(Foto Borlinha)

nacionais e de estrangeiros que o têm visitado, palavras de apreço e de louvor.

Seria imperdoável injustiça não nos referirmos neste artigo ao que se deve à iniciativa particular.

Em matéria de melhoramentos públicos deve-se à iniciativa particular a montagem de um bom cinema sonoro e de um parque de jogos desportivos, a constituição de uma filarmónica e com a valiosa cooperação da Câmara Municipal, a da Associação dos Bombeiros Voluntários, sua dotação com material moderno, sua secção de assistência aos indigentes e diversas instituições de caridade. Todas estas criações de reconhecida utilidade pública, bem merecem que os lacobrigenses lhe prestem o apoio moral e

(Conclue na página 12)



LAGOS—Vista Geral da Cidade

do casino da Luz e feitas obras de adaptação a escola oficial daquela povoação.

Aquisição dum grande edifício e sua adaptação a mercado agrícola, que se não é um ideal, também não nos envergonha.

Atêrro e saneamento de parte do rocio de S. João desde a Porta de Portugal até ao colector ao norte da Central Eléctrica.

Compra ao Estado do edifício do quartel da G. N. R., feitas importantes obras e construção de um armazem anexo para recôlha das viaturas da Câmara.

Valiosas obras de arruamentos, ampliação, remodelação, embelezamento e organização dos serviços do cemitério, aformoseando-o e criando-lhe receitas

baluarte da Porta do Postigo e das ruínas do da Porta de Portugal, sua demolição e aformoseamento da entrada da cidade até ao mercado de peixe.

Foram executadas muitas outras obras e aquisições que melhoram consideravelmente os serviços públicos, devendo acentuar-se que tudo isto foi levado a efeito à custa do município, com as suas próprias receitas, excepto o mercado para o qual foi contraído um empréstimo de 250 contos.

Após o movimento de 28 de Maio de 1926 que criou a actual situação, o anseio de progresso e de realizações continuou a acentuar-se e se Lagos não tem visto realizadas todas as suas pretensões devido a circunstâncias várias, não é lícito duvidar da boa vontade das

DIREITO À INSTRUÇÃO

POR ANTÓNIO MOREIRA DASILVA

O direito enquanto se aplica a uma casta é privilégio odioso.

A instrução, portanto, para não ser privilégio, mas direito, não deve concentrar-se, como até aqui, na esfera dos ricos e dos remediados, deve alargar-se, também, aos pobres que a desejem.

A sociedade redobra o seu rendimento colectivo, quando os componentes ou indivíduos, são utilizados segundo a sua aptidão verdadeira, e sem que se lhes tólha os passos e aspirações, porque não tiveram a fortuna de nascer ou se alcandorar, nesta ou naquela classe privilegiada.

Na distribuição dos lugares públicos e privados, há que ver a competência e o valor moral, e nunca o favor ou o dinheiro.

Parecem êstes, alguns princípios de equiparação e justiça social que realizados formariam uma sociedade, senão mais perfeita, pelo menos mais útil. Mas da beleza dêstes princípios às realidades, na prática, deve ir a distância que vai da perfeição à imperfeição...

Quem não sabe que o empenho, o favor e o dinheiro teem esmagado, sempre os desprotegidos da situação social!?... Quem não sabe que só os ricos e remediados podem estudar, e êsses mesmos, já lutam com dificuldades?!...

Somos, francamente, pelos humildes que desejam aparecer, na sociedade, com títulos legítimos de valor e de trabalho honrado. Mas sentimos funda repulsa, por todos aqueles que sendo homens de sociedade, os consideram com hipócrita e sobranceira indulgência, ani-

mais raros de estimação... Falso homem de sociedade! A vaidade pode cegá-los ao ponto, de se esquecerem que, felizmente, o valor e a inteligência, tanto podem ser virtude do pobre, como do rico!

E mal iria a nossa tolerância, e o nosso pensamento (que pretende ser desempoeirado) se não reconhecesse que há muitos homens de sociedade, todavia, que sabem sê-lo, sem ofender nem vexar a a dignidade alheia! não se pense também que defendendo os humildes de valor que pretendam instruir-se, defendemos os que não tenham valor para tal.

Em abono da verdade, deve dizer-se até, que é bem triste a fúria que há por todo o País de querer tornar o Estado o Grande Asilo, que a trôco de algum trabalho certo, nos dê o pão e a reforma... Não há humilde que tire o exame de instrução primária, que não comece de imaginar, ser polícia ou guarda fiscal... Daí abandonarem a vida do campo, e com isso, ressentir-se a economia do País. Por outro lado, muitos, quasi todos querem ser doutores...

Ora, apesar de tudo, a aspiração é muito justa.

E, enquanto alguns defendem a tese que é super-abundante a população nas escolas portuguesas, nós pensamos que se trata de um real progresso esta sêde enorme de vencer, e ser-se alguém.

O que é necessário é que o Estado, antes de mais, recrute competências! O que é necessário é que o Estado, de igual modo, amplie e leve a instrução a quem, de facto, a mereça!

Reflexões de um velho à juventude

Rapaz: no meu tempo, quando íamos a um teatro e não gostávamos, não ficávamos calados—pateávamos a peça. Hoje, em tôdas as revistas e comédias a vossa fraqueza de estilizados é comentada e posta a ridículo. Vocês, porém, ficam calados.

III

Há um defeito português que a juventude devia combater em si própria. O hábito de criar dificuldades. Para suportar êste triste defeito nacional, basta-nos a burocracia. Todo o jovem deve ser prestável na acção, e, desempoeirado, nas ideias.

O pior é que há novos que já caminham agarrados a um bordão... O espírito da facilidade é prático e salutar. Devia ser o título de honra da juventude portuguesa.

III

Rapaz: é provável que certa donzela que não conheço, já te tenha dito que o amor não existe...

Às vezes a afirmação, dita nos salões em festa é hipócrita; outras vezes, é sincera.

O Amor existe, e não é um devaneio, como tantos novos, irreflectidamente julgam.

O Amor, na vossa vida futura, será coisa tam séria e necessária, como a água que se bebe, ou a luz que se recebe do sol. E não há dúvidas sôbre êste ponto. Eu que me sinto de cabelos brancos, ainda sei amar... Mas, as mulheres... novas, porque as do meu tempo, caducaram...

III

Ser cristão é ser tolerante, a liberdade de consciência constitui, hoje, axioma fundamental em todo o bom cristão. Eis porque

o catolicismo (que é uma espécie quasi universal do cristianismo) não é adversário fanático sequer dos ateus, que sejam homens de bem, quanto mais do espiritismo ou do protestantismo! Juventude! Escutai da bôca de um religioso estas palavras: Segui livremente as vossas ideias religiosas, com nobreza e coerência! Negai, até, se quizerdes as Religiões! Mas é preciso que a juventude o faça, convicta da sua verdade e da sua razão!

No amplo e glorioso reino de Deus, também cabem os bens intencionados...

III

Vocês, os Novos, não temem respeito pelos velhos, ou por outra: Vocês apregoam o respeito pela velhice. Em verdade vos digo, que não se trata de respeito, mas de «Comiseração pela velhice». E depois... dizem que nós somos crianças, que nos ofendemos facilmente! Digo-vos com máguia: a velhice não presta porque é triste! O que é «velho» deita-se fóra! E nem a dura experiência da onda que nos roubou, avaramente, a fôrça, a beleza, e algumas ilusões, merecem o vosso respeito sincero, a vossa admiração comovida!

Amigos da juventude: estais na idade de subir, batalhar e vencer. Enquanto nós —que fomos novos—vamos ficando na sombra da vossa ascensão luminosa, acotovelados, deformados a um canto e à espera da Morte. E na vossa ambição louca, irreverente esquecei-vos que, amanhã, estareis também na sombra, enquanto outros, irão subindo na luz. E a vida é isto e só isto!

Dizei-me, agora, com franqueza, por véus esperançosos e ridículos:

Trata-se de um mistério ou trata-se de uma tragédia?...

O TERRAMOTO DE BELUCHISTAN

DEDUÇÕES QUE A NÓS INTERESSAM

Pelo Dr. A. J. JUDICE CABRAL

Antes de dar por findo este estudo, vem naturalmente a pêlo perguntar se êle visa apenas a uma mera difusão de conhecimentos que às pessoas de mediana cultura poderá eventualmente interessar ou se da sua contestura sobressai alguma coisa mais sob o ponto de vista utilitário ou seja de prognostico da nossa segurança à superfície do globo, de nós portugueses e especialmente dos habitantes da facha algarvia.

Lisboa tem de facto o seu lugar marcado em um dos círculos de Montessus de Bellore, e os abalos sísmicos produzidos no seu solo e numa area ambiente mais ou menos extensa são de nós conhecidos. Não falando no megasismo de 1755 em que não só Lisboa como o centro e o sul do país, a Extremadura, o Alentejo e Algarve tanto sofreram; sendo Lagos citada como uma das localidades mais intensamente atingidas; há a assignalar alguns tremores registados subsequentemente, entre os quais o grande sismo de 11 de Novembro de 1859, o abalo menos violento de 1903, que teve a sua origem nas proximidades da serra da Arrabida, e o grande tremor de terra de 23 de Abril de 1908, que tanto apavorou os habitantes de Lisboa, causando bastantes prejuízos, desmoronando parcialmente muitos predios e originando incendios e desastres pessoais.

Mas foi sobretudo no Ribatejo e especialmente em Benavente que o tremor revestiu proporções de uma verdadeira catástrofe. As derrocadas de predios succederam-se, enchendo as ruas de destroços e causando 27 mortos além de numerosos feridos. Em Samora Correia, Salvaterra de Magos e Santarem também o abalo se fez sentir com extrema violência.

Tremores de menor intensidade, microsismos, as estatísticas recolhidas mostram fazer-se sentir, de longa data, na região que tem Lisboa por centro e com intervalos de poucos anos. Essas mesmas estatísticas accusam a coincidência na mesma ocasião, ou com intervalos de meses e dias, de abalos identicos em Messina, o que traz ao espirito a noção da identidade das causas.

Estas devem ir procurar-se em infiltrações das águas do mar, que atingindo as camadas profundas sobreaquecidas do nosso globo, adquirem altas tensões, abrindo fendas na direcção da superfície do cortex, ou seguindo ao longo de chaminés preexistentes, como é o caso do vulcanismo.

Esse sobreaquecimento é que, segundo as opiniões de alguns geólogos, não exige o alcance do magma liquido interno ou piroesfera, mas simplesmente de cavidades existentes nas camadas profundas do cortex formadas nos periodos secundário e terciário por erupções de basaltos

e calcários, nos quais as águas se infiltrariam originando reacções químicas determinantes do seu grande acrescimo de temperatura e consequente força expansiva.

Os pontos de partida tangenciais (epicentros) destes abalos, que periodicamente atingem o nosso país, embora tendo a sua origem no oceano, não parecem ocupar sempre o mesmo lugar, mas deslocar-se sucessivamente na direcção norte.

Os traçados da area pleitoseista do terramoto de 1755 assinalaram para centro desse movimento sísmico um ponto situado a oeste do Cabo de S. Vicente, na distância da costa de cerca de 3.000 metros. Os abalos ulteriores fomentam a noção de que esse centro se tem elevado ao longo da costa, isentando cada vez mais o Algarve destes cataclismos de maior vulto, megasismos e macrocismos.

Os tremores do nosso país, nomeadamente o que teve por centro Lisboa, obedeendo a causas gerais atras enunciadas, são condicionados, pelo que respeita ao carácter destruidor que por vezes tem revestido, à estrutura especial do sólo sobre que Lisboa assenta, constituido por terrenos moveiços ou de aluvião, cobertos por outros mais consistentes, disposição esta que fazendo oscilar em amplitudes diferentes o solo e o sub-solo ocasiona, em obediência às leis da inércia, derruições de maior grandeza e amplitude do que as observadas em terrenos firmes homogeneos que transmittem aos terrenos ambientes as oscilações que os atingem, sem amortecimento da sua força vibratória.

Do conhecimento deste facto derivam principalmente as práticas a que as construções naquella cidade e em toda a area circunvisinha de idêntica formação estrutural deveriam obedecer, o que nos parece estar sendo demasiadamente esquecido.

Dum bem elaborado estudo da autoria do Sr. Diniz Ferreira, publicado por ocasião do terramoto do Ribatejo de 1909, a que nos vimos referindo, recortamos o seguinte periodo referente ao assunto que neste momento chama a nossa attenção:

«Com relação ao processo de edificar foi Portugal o primeiro a fazer um regulamento sobre o assunto depois do terramoto de 1755; o tipo de construções chamado de «casas barracas» que todos conhecem, ainda hoje adoptado e reputado universalmente como um dos melhores, deve ser seguido à risca pelos habitantes de Lisboa».

Com este conselho de indole prática e conservadora, embora beliscando os sentimentos esteticos dos moradores da bela capital do nosso país poremos termo a estas já desenvolvidas considerações.

EFEMÉRIDES

Mês de Outubro

Pelo Dr. José Formosinho

4—1699—Nasce o célebre pintor português Vieira Lusitano (Francisco Vieira de Matos). Além de inúmeros quadros de grande valor, pintou o belo tecto da Igreja dos Mártires de Lisboa, representando a tomada desta cidade aos Mouros. Faleceu em meados de 1789.

5—1385—Batalha de Valverde. D. Nuno Alvares Pereira com uma hoste diminuta desbarata 3.300 castelhanos.

5—1826—Insurreição no Algarve a favor de D. Miguel.

5—1904—Morre a grande actriz Rosa Dmasceno.

5—1910—É proclamada em Lisboa a República, sendo nomeado um governo provisório presidido pelo Dr. Teófilo Braga.

7—1897—Entra no Tejo o cruzador Adamastor, vindo de Itália, onde foi construído por subscrição nacional. Esta subscrição teve início na grande reunião popular de 23 de Janeiro de 1890 e o seu producto total foi de 538.626\$00, com que se mandou construir além de Adamastor, a canhoneira Chaimite e se compraram as canhoneiras Diogo Cão e Pedro de Anaya.

7—1907—Vitória alcançada pelos portugueses em Angola contra os Dembos, de que foi um dos principais heróis e hoje brigadeiro João d'Almeida.

9—1458—Chega a Lagos parte da armada que D. Afonso V destina à conquista de Alcacer Ceguer. Aqui se demora até ao dia 16 tendo-se-lhe juntado os navios vindos do norte, prefazendo um total de 225 velas com 26.000 homens de combate. D. Afonso V a bordo da Nau Santo António, comandava em pessoa a expedição. A cidade rendeu-se a 23.

10—1854—Morre o glorioso escritor João Baptista de Almeida Garrett, reformador do teatro português. Nasceu no Porto em 4 de Fevereiro de 1789.

11—1839—Morre a ilustre escritora Marquesa de Alorna; nascera em 31 de Outubro de 1750.

11—1899—Começa a guerra de Transvaal entre Ingleses e Boers.

12—1492—Cristovão Colombo descobre a América; foi na noite de 11 para 12, guiado pelo clarão de uma fogueira que os indígenas tinham aceso na praia.

12—1640—Primeira reunião dos conjurados para a revolução do 1.º de Dezembro.

12—1822—É aclamado Imperador do Brasil o Príncipe D. Pedro, filho de D. Afonso VI.

12—1832—Samuel Morse, pintor e físico americano, inventa o aparelho de telegrafia eléctrica.

12—1896—Início da Campanha contra os Namarraes, a qual terminou em 6 de Abril do ano seguinte.

12—1897—SM D. Carlos I e D. Amélia visitam Lagos.

13—1666—Morre em Lisboa D. Francisco Manuel de Melo; foi o nosso mais fecundo e ilustrado escritor do século XVIII, autor da «Carta de Guia de Casados», «Apologos Dialogais», etc.

14—1914—Morte gloriosa do 1.º tenente Carvalho Araujo que comandava um pequeno caça-minas, encarregado de comboiar o paquete «São Miguel» em viagem

para os Açores. Ao surgir um submarino alemão Carvalho Araujo ordena e sustenta um formidável ataque, salvando assim o «São Miguel» cuja guarda lhe tinha sido confiada.

15—1422—Faleceu em Torres Vedras São Gonçalo de Lagos. Nasceu em Lagos em 1378. Eremita da ordem de Santo Agostinho, cujo hábito tomou em 1398; foi pregador dotado de tanta inteligência que era venerado por toda a gente. Os habitantes de Torres Vedras elegeram-no seu padroeiro. Foi canonizado em 1780.

15—1773—Fundição da estátua equestre de D. José I, primoroso trabalho do grande escultor Machado de Castro. Empregaram-se 630 quintais de metal que levou 28 horas a derreter, enchendo-se a fôrma de um só jacto em 8 minutos. O primeiro projecto foi do architecto Eugénio dos Santos, mas quem executou o primeiro modelo de cera foi Joaquim Machado de Castro. O modelo em gesso foi começado em 16 de Outubro de 1771 e concluído em 10 de Março de 1772. Dirigiu a fundição o general Bartolomeu da Costa. O retoque feito pelo escultor e 83 operários levou 63 dias. Foi inaugurado em 2 de Junho de 1775.

18—1217—2.ª tomada de Alcacer do Sal aos Mouros por D. Soeiro (D. Afonso II). Por terra foram 20.000 portugueses capitaneados pelo Bispo de Lisboa, auxiliados por uma armada de cruzados composta de 100 navios. O exército mouro compunha-se de 80.000 mil infantes, 15.000 lanças e dez galeras.

18—1817—É enforcado em S. Julião da Barra o bravo general Gomes Freire d'Andrade.

19—1875—Morre o notável engenheiro Victorino Damásio.

19—1900—Inauguração da estátua do Infante D. Henrique no Porto.

19—1921—São assassinados em Lisboa, durante um movimento revolucionário republicano, Machado dos Santos, António Granjo e Carlos da Maia, figuras de destaque na República.

21—1147—Tomada de Lisboa aos Mouros. Morre Martin Moniz atravessado na porta do Castelo.

22—1832—Por ordem de D. Miguel é aberto em Coimbra o túmulo de D. Afonso Henriques.

23—1894—Inauguração da estação de Socorros a Naufragos em Faro.

24—1779—Inicia-se a construção da magestosa basílica da Estrela.

25—1495—Morre em Alvôr El-Rei D. João II, sendo sepultado na Sé de Silves. Trez anos depois é trasladado para o Mosteiro da Batalha. Tendo estado em Lagos pouco antes prometeu eleva-la à categoria de Cidade, mas o seu prematuro falecimento impediu-o de cumprir a promessa.

25—1836—É fundada em Lisboa a Academia de Belas Artes.

26—1875—Estreia-se a grande actriz Lucinda Simões.

27—1184—Perto de Santarém D. Afonso Henriques derrota o célebre «Miramolín» de Marrocos. Este rei mouro era o chefe dos Almoravides e o seu nome era «Yussuf». Depois da tomada de Zalaka, na grande batalha contra Afonso VI, tomou o nome de Amir-Al-Muminin (chefe de todos os crentes), que os nossos cronistas transformaram em Miramolim.

30—1340—Célebre batalha do Salado em que tomaram parte e se cobriram de glória os guerreiros portugueses comandados por D. Afonso IV. O exército sarraceno de 450.000 infantes, 10.000 cavalos e 12.000 lanças, é desbaratado perdendo cerca de 200.000 mortos e feridos, além de riquíssimos despojos.

O PROGRESSO DE LAGOS

(CONTINUAÇÃO)

pecuniário indispensáveis a sua manutenção e regular funcionamento.

Cafés, leitarias, pastelarias, padarias e barbearias, estabelecimentos estes modernos e alguns dêles amplos e luxuosos, o que nas circunstâncias económicas actuais representa para os seus proprietários arrojados sacrifícios e mostra empenho de acompanharem a época progressiva que atravessamos, estes empreendimentos valorizam a cidade, dão-lhe realce e são dignos dos nossos melhores louvores e reconhecimento.

Até o problema turístico nos saía seriamente complicado pela sua vastidão e como Lagos não tem apenas um ponto, uma praia em que concentre a sua atenção e esforços, forçoso se torna dividi-lo em duas zonas distantes e de aspectos diversos: A zona norte constituída pela Meia Praia, extensa facha de areia, sem rochas, que emoldura a baía e que reclama com urgência a construção duma estrada que permita o acesso a veículos e condução de materiais para construções indispensáveis a uma ótima estância balnear de luz, de sol e de ar puro e vivificante.

A zona sul constituída por um longo rosário de praias com encantos vários, desde a Solaria até à Ponta da Piedade, que igualmente reclama melhoramentos que deem realce e valorizem a admirável obra da Natureza.

A Comissão de Iniciativa e Turismo tem-se interessado por esta zona, como provam a construção da estrada e escadaria para a praia da D. Ana, que permite aos habitantes de Lagos e seus visitantes admirarem um deslumbrante panorama de mar, praia e rochedos de bisarros feitos, e por outras obras em curso.

Servida esta zona pela projectada avenida marginal, onde ficaria bem um hotel e que simultaneamente nos trará algumas obras de valorização do porto, constituiria um tão importante melhoramento quando concluída, que é da máxi-

ma conveniência insistir junto dos Poderes Públicos pela sua imediata execução.

O que acabamos de expôr está ainda bem longe de atingir a totalidade das necessidades a suprir e das aspirações a que Lagos se julga com indiscutível direito, mas evidentemente não podemos exigir dos nossos organismos oficiais locais nem tão pouco da iniciativa particular que de uma assentada nos seja construído um jardim público, um edifício escolar primário, um lavadouro público em boas condições de conforto e de higiene, uma ligação da cidade com a estrada de Sagres por vias amplas ascendente e descendente como o reclama o constante aumento de trânsito de automóveis e veículos de toda a natureza por aquele ponto.

Estes melhoramentos e outros que as circunstâncias aconselhem, como por exemplo a remoção da cadeia, terão que ser quasi na sua totalidade executados pelo Estado, solicitados pelos organismos a que estão entregues os interesses e política locais, que com a sua comprovada dedicação, não deixarão de actuar junto das entidades competentes pela obtenção das possíveis realizações e benefícios para Lagos.

Assim sem melindre para ninguém, sem quebra das convicções políticas de cada um, persistindo com tenacidade e unidos, se irá criando o ambiente favorável a consecução de algo de útil que prove de uma forma iniludível que Lagos ingressou francamente no caminho do progresso.

Lagos—Setembro de 1935

A Moral é a hygiene da alma

LINGREE

O coração que não amou foi o primeiro a teu

MERCIER





"COSTA DE OIRO"

é composta
e impressa

na Tipog. Ferreira - Lagos